

**A ARTE DA DOR: DESENHOS DAS VÍTIMAS DAS BOMBAS  
ATÔMICAS**

Edinei Hideki Suzuki  
Katya Sayumi Okada  
Viviana Carola Velasco Martinez  
Gustavo A. Ramos Mello Neto

O presente trabalho tem por finalidade estudar as formas de elaboração e verbalização do trauma dos sobreviventes das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki referentes à Segunda Guerra Mundial que ocorreu entre 6 e 9 de agosto de 1945. Estima-se um número total de mortos que variam entre 140 mil em Hiroshima e 80 mil em Nagasaki sendo a maioria civis, sem contabilizar as mortes posteriores por conta dos efeitos da radiação. Em relação aos efeitos térmicos da bomba, estes são muito semelhantes aos dos explosivos convencionais de alta potência, por isso alguns sobreviventes tem marcas pelo corpo em função das queimaduras pelo calor emitido, ou mesmo a transmissão hereditária da radiação que pode causar câncer, ou deformações genéticas aos descendentes dos sobreviventes. Marcas estas que vão além das somáticas, que perduram pelo tempo em forma de pensamentos, sonhos aterrorizantes e traumatizantes por toda a vida.

O estudo será realizado com base na formulação de hipóteses a cerca dos desenhos realizados pelos sobreviventes e encontrados em um livro formulado em memória dos 60 anos dos ataques nucleares, assim trabalhado na pesquisa como uma forma de elaboração e verbalização do trauma, fundamentado nos estudos do processo tradutivo-elaborativo do trauma através do lúdico como saída para uma formulação da cena traumática.

O processo tradutivo-elaborativo é uma das ferramentas importantes nesse estudo pois aborda a importância de se transpor esse sofrimento para o meio externo, seja através de conversas ou de forma lúdica, evitando assim um sofrimento psíquico posterior. Segundo Manonni (1923) “A transposição de uma angústia de viver, de um trauma, para uma Outra cena, através da escrita, tem um efeito libertário (p.20) ”; podemos superar as vivências traumáticas através do lúdico, amenizando assim seu sofrimento e superando seu trauma. Desta forma, então, pode-se supor que encontraríamos algum conteúdo inconsciente nos conteúdos do desenho que estejam falando algo da ordem do traumático.

Segundo Freud (1893/2006), o trauma consiste num evento que produz uma “soma de excitação” (p.44) que não consegue ganhar descarga motora. Isto faz com

que a vivência traumatizante fique vívida na memória do indivíduo. Esta situação se distingue por ser de ocorrência súbita e de caráter intenso, que impede o psiquismo de ter forças para descarregar e manipulá-la. Assim posto, ficou evidente que a tragédia atômica se enquadra perfeitamente nesse conceito de trauma postulado por Freud.

Acreditamos que através dos desenhos é capaz de produzir uma organização do psiquismo de um sujeito submetido a um trauma.

Com relação ao método, esta é uma pesquisa psicanalítica teórica. Deste modo, para levantamento bibliográfico foi consultado o banco de dados da internet do Google Acadêmico, da APA (American Psychology Association) com os seguintes descritores: trauma, psicanálise, desenhos, Hiroshima, Nagasaki, bomba atômica e II Guerra Mundial. Também utilizamos as Obras Completas de Sigmund Freud e Maud Mannoni.

Sobre o material bibliográfico levantado foi utilizado o método de interpretação, com o respaldo teórico dos autores citados acima. É importante ressaltar que o foco está no marco histórico da II Guerra Mundial, em que os Estados Unidos da América lançam duas bombas atômicas nas cidades japonesas, que data o ano de 1945 (Mason & Caiger, 1997) e na utilização dos processos lúdicos como o desenho para a elaboração do evento traumático.

Um dos obstáculos significativos é que não existem muitos trabalhos de psicanálise sobre a temática sobre os efeitos psíquicos causado pelas bombas atômicas e sua relação com o desenho como uma forma de elaboração do trauma. Este obstáculo, no entanto, não impede o trabalho. Aprendemos com Freud que é possível aplicar a psicanálise, quer dizer, produzir um saber psicanalítico, em terrenos que estão fora do escopo da psicanálise.

Mas o problema que talvez possa dar uma margem maior de contestações é por não sabermos ler o idioma japonês. Assim, a maioria das informações que tivemos foi de escritores ocidentais, portanto vieses de pesquisadores que se encontram fora da cultura japonesa. Esta é uma limitação real do nosso trabalho, mas com respaldo da psicanálise acreditamos que dificulta, mas não o impossibilita. Para discutir isso, recorreremos ao que Freud (1909 [1908]/2006) chamou de Romance Familiar. Com este conceito ele argumenta que o neurótico, ao falar de sua história, cria, baseado em suas fantasias, uma história que justifica sua posição em sua realidade. Neste ponto servimo-nos, também, da problemática que Martinez (2009) levantou em seu texto sobre o conceito de *mito* e *historicidade*, para dar solução à suposta contestação levantada. É um fato real a tragédia atômica. Ela ocorreu na realidade material e objetiva dos japoneses; é um fato *histórico*. Entretanto, para cada

um, este fato histórico será vivenciado e interpretado de forma bem particular. Há, então, uma construção *mítica* sobre o fato e ele nunca será radicalmente fiel ao dado histórico, uma vez que, ao ser verbalizado, passa pela trama e influência do psiquismo. Considerando esse funcionamento psíquico, por corolário, acreditamos que os próprios japoneses nos dariam um relato enviesado e calcado em suas próprias subjetividades.

Como não se tratou de um estudo histórico da tragédia atômica, e sim de psicanálise, recorreremos a textos ocidentais desse período e que não influenciaram nos resultados almejados. Na realidade, o que se pretendeu não foi se limitar ao conteúdo manifesto dos fatos históricos e sim da relação entre desenhos e elaboração do trauma. Estamos aqui interessados em investigar uma outra realidade que vai além do fato histórico. Uma realidade que é acessível quando somente atravessada pelo fenômeno transferencial, viabilizando a identificação de algo inconsciente que venceu a censura. Esta pesquisa se justifica pela carência de material que trabalham o tema. Terá, também, um caráter informativo, pois até o momento encontramos poucos materiais sobre a importância do processo tradutivo-elaborativo através do lúdico na elaboração do trauma dos sobreviventes das bombas atômicas referentes à Segunda Guerra Mundial.

### **Referências**

Caiger, J. G. & Mason, R. H. P. (1997). *A history of Japan*. (2a ed.). North Clarendon: Tuttle.

Freud, S. (2006 (original publicado em 1909)). Romances familiares. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 217- 225). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (2006 (original publicado em 1893)). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 37- 53). Rio de Janeiro: Imago.

Kanagawa. (2005). Atomic bomb sufferer association: wasurerarenai anohi. Tokyo.

Mannoni, M. (1995). *Amor, ódio, separação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Martinez, V. C. V. (2009). Mito, historicidade e inconsciente. In E. Tomanik; A. M. P. Caniato; M. G. D. Facci (Orgs.), *A constituição do sujeito e a historicidade* (PP. 221-248). Campinas: Alínea.